

Contradições e Desafios na Educação Brasileira 4

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Willian Douglas Guilherme

(Organizador)

Contradições e Desafios na Educação Brasileira

4

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|---|
| C764 | Contradições e desafios na educação brasileira 4 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Contradições e Desafios na Educação Brasileira; v. 4) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-376-7 DOI 10.22533/at.ed.767190106 1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação – Inclusão social. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 370.710981 |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Contradições e Desafios na Educação Brasileira” foi dividido em 4 volumes e reuniu autores de diversas instituições de ensino superior, particulares e públicas, federais e estaduais, distribuídas em vários estados brasileiros. O objetivo desta coleção foi de reunir relatos e pesquisas que apontassem, dentro da área da Educação, pontos em comuns.

Neste 4º e último Volume, agrupamos os artigos em torno dos temas “Dialogando com a História da Educação Brasileira” e “Estudo de casos”, sendo, na 1ª parte, 17 artigos e na 2ª, 11 artigos, fechando a coleção.

A coleção é um convite a leitura. No 1º Volume, os artigos foram agrupados nas “Ações afirmativas e inclusão social” e “Sustentabilidade, tecnologia e educação”. No 2º Volume, abordamos a “Interdisciplinaridade e educação” e “Um olhar crítico sobre a educação”. No 3º Volume, continuamos com a “Interdisciplinaridade e educação” e trazemos a “Educação especial, família, práticas e identidade”.

Entregamos ao leitor o livro “Contradições e Desafios na Educação Brasileira” com a intenção de cooperar com o diálogo científico e acadêmico e contribuir para a democratização do conhecimento.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| A DITADURA CIVIL-MILITAR E A EDUCACAO NA BAHIA: CERCEAMENTO POLÍTICO E CONTINUIDADE DO PENSAMENTO LIBERAL DE ANÍSIO TEIXEIRA E NAVARRO DE BRITTO | |
| <i>Daniela Moura Rocha de Souza</i> <i>João Carlos da Silva</i> <i>Maria Cristina Nunes Cabral</i> <i>Livia Diana Rocha Magalhães</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.7671901061 | |
| CAPÍTULO 2 | 16 |
| A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM CAMPINA GRANDE-PB: PRIMEIRAS ASPIRAÇÕES ACERCA DA CRIAÇÃO DA ESCOLA NORMAL (1958-1960) | |
| <i>Pâmella Tamires Avelino de Sousa</i> <i>Niédja Maria Ferreira de Lima</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.7671901062 | |
| CAPÍTULO 3 | 28 |
| A PRÁXIS PEDAGÓGICA NO ENSINO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO DE PORTO NACIONAL/TO | |
| <i>Márcia Dall’Agnol</i> <i>Denise Regina da Costa Aguiar</i> <i>Michel Santos Silva</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.7671901063 | |
| CAPÍTULO 4 | 40 |
| ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM CLASSES MULTISSERIADAS DAS ESCOLAS DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE IGARAPÉ-MIRI-PA | |
| <i>Edineuza Pantoja Moraes</i> <i>Benedito de Brito Almeida</i> <i>Sara Concepción Chena Centurión</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.7671901064 | |
| CAPÍTULO 5 | 51 |
| ANÁLISE SOBRE A EDUCAÇÃO NO ESTADO DE RORAIMA: GREVE DOS PROFISSIONAIS EM EDUCAÇÃO NO ANO DE 2015 | |
| <i>George Brendom Pereira dos Santos</i> <i>Mikaelly Cristiny de Almeida Pereira</i> <i>Sebastião Monteiro Oliveira</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.7671901065 | |
| CAPÍTULO 6 | 66 |
| AS CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR | |
| <i>Amelioene Franco Rezende de Souza</i> <i>Laís Leni Oliveira Lima</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.7671901066 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 7 | 78 |
| CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO HUMANA OMNILATERAL: UMA POSSIBILIDADE ATRAVÉS DA FILOSOFIA SOCIAL MARXIANA | |
| <i>Zuleyka da Silva Duarte</i> <i>Belkis Souza Bandeira</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.7671901067 | |
| CAPÍTULO 8 | 94 |
| DOCUMENTÁRIO: HISTÓRIA DE VIDA DE PROFESSORES ENTRE O PESSOAL E O PROFISSIONAL | |
| <i>Thiago Batista Assis</i> <i>Flomar Ambrosina Oliveira Chagas</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.7671901068 | |
| CAPÍTULO 9 | 110 |
| HÉLIO OITICICA, AUGUSTO BOAL E PAULO FREIRE: PROPOSIÇÕES ANTROPOFÁGICAS E INTERCULTURAIS PARA O ENSINO DE ARTE | |
| <i>Ivete Souza da Silva</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.7671901069 | |
| CAPÍTULO 10 | 127 |
| INCOMPATIBILIDADE ENTRE E O CURRÍCULO PROPOSTO PELA REFORMA DO ENSINO MÉDIO E A FINALIDADE DOS INSTITUTOS FEDERAIS | |
| <i>Marcelo Velloso Heeren</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.76719010610 | |
| CAPÍTULO 11 | 137 |
| INDÚSTRIA CULTURAL E EDUCAÇÃO | |
| <i>Mariano Luiz Sousa dos Santos</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.76719010611 | |
| CAPÍTULO 12 | 143 |
| LEI 10.639/2003: UM ESTUDO SOBRE A HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA A PARTIR DE AÇÕES EXTENSIONISTAS EM BRAGANÇA-PA | |
| <i>Morgana da Silva Pereira</i> <i>Raquel Amorim dos Santos</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.76719010612 | |
| CAPÍTULO 13 | 148 |
| LENDAS, PARLENDAS E CONTOS: ENSINANDO COM A CULTURA POPULAR | |
| <i>Benedito de Brito Almeida</i> <i>Edineuza Pantoja Moraes</i> <i>Samara de Souza Machado</i> <i>Jânio Guedes dos Santos Lobato</i> <i>Jones da Silva Gomes</i> <i>Raiane Ribeiro Cardoso</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.76719010613 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 14 | 160 |
| ORIGEM DO SERVIÇO DE PARQUES INFANTIS NO ESTADO DO AMAZONAS | |
| <i>Pérsida da Silva Ribeiro Miki</i> | |
| <i>Kelly Rocha de Matos Vasconcelos</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.76719010614 | |
| CAPÍTULO 15 | 170 |
| PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: MÚSICA COMO METODOLOGIA DE TRABALHO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR | |
| <i>Daniela Rezende de Souza</i> | |
| <i>Laís Leni Oliveira Lima</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.76719010615 | |
| CAPÍTULO 16 | 181 |
| POLÍTICAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CURITIBA: 2006-2015 | |
| <i>Silvia Sofia Scheid da Silva</i> | |
| <i>Maria de Fátima Rodrigues Pereira</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.76719010616 | |
| CAPÍTULO 17 | 196 |
| SEJAM BEM VINDOS! OS SENTIDOS DA PASSAGEM DE UM MUSEU DE CIÊNCIAS ITINERANTE NO DISCURSO DO PÚBLICO PARTICIPANTE | |
| <i>Ana Carolina de Souza Gonzalez</i> | |
| <i>Wedencley Alves</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.76719010617 | |
| CAPÍTULO 18 | 207 |
| A NOTÍCIA COMO SITUAÇÃO EMERGENTE DO COTIDIANO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA E LÍNGUA PORTUGUESA | |
| <i>Débora Perdoná</i> | |
| <i>Jonas Daniel do Amaral Pinto</i> | |
| <i>Leticia Gomes</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.76719010618 | |
| CAPÍTULO 19 | 210 |
| A PERCEPÇÃO E APLICAÇÃO DA LEI 11.645/08 NA PERSPECTIVA DOS EGRESSOS DO CURSO DE ARTES CÊNICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE | |
| <i>Andressa Christiny do Carmo Batista</i> | |
| <i>Valeska Ribeiro Alvim</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.76719010619 | |
| CAPÍTULO 20 | 222 |
| A POLÍTICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ: ENTRE A LÓGICA DO MERCADO E DO MUNDO DO TRABALHO | |
| <i>Joelson Juk</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.76719010620 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 21 | 239 |
| AMBIENTALIZAÇÃO DO CURRÍCULO A EXPERIÊNCIA EM CURSO NO CEFET-MG | |
| <i>Cynthia A. Bello</i> | |
| <i>José Geraldo Pedrosa</i> | |
| <i>Gleison Paulino Gonçalves</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.76719010621 | |
| CAPÍTULO 22 | 253 |
| ANÁLISE DA APLICABILIDADE DE FILMES DE ANIMAÇÃO COMO FERRAMENTA DE ENSINO EM CIÊNCIAS E BIOLOGIA | |
| <i>Pâmela Beatriz do Rosário Estevam dos Santos</i> | |
| <i>Vivian Cristina Costa Castilho Hyodo</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.76719010622 | |
| CAPÍTULO 23 | 267 |
| APLICAÇÃO DE CONCEITOS E PRÁTICAS DE ATIVIDADES DO MOVIMENTO MAKER NA EDUCAÇÃO INFANTIL – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL 1 | |
| <i>Roberta Emile Lopes de Oliveira</i> | |
| <i>Camila Amorim Moura dos Santos</i> | |
| <i>Edmar Egídio Purcino de Souza</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.76719010623 | |
| CAPÍTULO 24 | 278 |
| ATIVIDADES LÚDICAS E ROTINA PEDAGÓGICA: RELATO DE EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS A PARTIR DO ESTÁGIO EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL | |
| <i>Dione Martins Magalhães</i> | |
| <i>Dayane Fernandes Ferreira</i> | |
| <i>Eraldo Carlos Batista</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.76719010624 | |
| CAPÍTULO 25 | 292 |
| DIAGNÓSTICO DE SINALIZAÇÃO EM TRILHAS TURÍSTICAS: PARQUE MUNICIPAL DO MINDU - MANAUS/AM | |
| <i>Heleno Almeida Lima</i> | |
| <i>Claudio Nahum Alves</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.76719010625 | |
| CAPÍTULO 26 | 308 |
| RELATO DE OBSERVAÇÃO DE ESPAÇOS FORMAIS E NÃO FORMAIS | |
| <i>Marcela dos Santos Barbosa</i> | |
| <i>Lucas Antunes Tenório</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.76719010626 | |
| CAPÍTULO 27 | 317 |
| SABERES DOCENTES: A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA NORMAL DE CRUZEIRO DO SUL-ACRE | |
| <i>Maria Irinilda da Silva Bezerra</i> | |
| <i>Alisson Lima Damião</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.76719010627 | |

CAPÍTULO 28 328

UM ESTUDO SOBRE A POTENCIALIDADE DO MAPA CONCEITUAL PARA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DOS CONCEITOS CIENTÍFICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Felipa Pacífico Ribeiro de Assis Silveira

DOI 10.22533/at.ed.76719010628

SOBRE O ORGANIZADOR..... 340

DIAGNÓSTICO DE SINALIZAÇÃO EM TRILHAS TURÍSTICAS: PARQUE MUNICIPAL DO MINDU - MANAUS/AM

Heleno Almeida Lima

Faculdade Martha Falcão Wyden – FMF WYDEN
Manaus - Amazonas

Claudio Nahum Alves

Universidade Federal do Pará - UFPA
Belém - Pará

RESUMO: As trilhas remontam a uma história tão antiga quanto o homem, muito antes de existirem estradas, autoestradas e complexos viários. As trilhas e mais tarde, as estradas, desde o estágio embrionário da civilização, incorporaram a necessidade de serem sinalizadas. Este documento discorre sobre importância da sinalização em trilhas de uma unidade de conservação ambiental, utilizando como objeto de estudo a sinalização do Parque Municipal do Mindu, unidade de conservação criada para proteger o habitat do primata Sauim-de-coleira situada em Manaus/Amazonas. A pesquisa de campo foi realizada nas trilhas do parque nos sábados do mês de agosto de 2016 e 18 de março de 2017. Com objetivo de analisar a sinalização existente, foram feitos diversos levantamentos fotográficos, e posteriormente uma análise qualitativa a partir de relatos de visitantes do Parque em rede social (TripAdvisor). Constatou-se através destas modalidades de pesquisa, as deficiências da sinalização turística do Parque. E também,

a partir dos dados de redes sociais, ficou clara a insatisfação dos visitantes quanto ao conjunto de placas existente. Assim, mostrou-se comprovada a necessidade de reformulação do conjunto de placas nas trilhas do parque, de modo que visitantes tenham acesso a um maior número de informações, melhorando desta forma o conhecimento e percepção dos visitantes quanto ao Parque em atividades turísticas e/ou educacionais, seja essas uma visita técnica, ou um simples passeio de domingo com a família no parque.

PALAVRAS-CHAVE: Sinalização, Trilha, Educação Ambiental.

ABSTRACT: Tracks date back a story as old as man, long before there roads, highways and roads complexes. The trails and later, roads, from early stages of civilization, incorporated the need to be signaled. This document discusses the importance of wayfinding on tracks of an environmental conservation unit, using as object of study the sign system on Mindu Municipal Park, a conservation unit created to protect a primate specie called Sauim-de-Coleira located in Manaus / Amazonas. A field research was conducted in the park trails on four Saturdays mornings on August, 2016 and on March 18th, 2017 and a photographic report was collected during these visits. Also, a qualitative analysis from park visitors reports in social specialized

network was compiled. From both sources, we discovered the shortcomings of touristic wayfinding of the Park. From social network data, the dissatisfaction of visitors with current existing sign system was clear. Therefore, we proved the need for wayfinding redesign on park trails, so visitors can have access to more information, improving their perception of the Park, during touristic and educational activities or on a simple Sunday visit with the family.

KEYWORDS: Wayfinding, Trail, Environmental Education.

1 | INTRODUÇÃO

A atividade do turismo envolve diversas áreas, possui características particulares e se foca em seu elemento máximo: os turistas. Segundo Silva; Pietrochinski (2008), alguns autores preferem utilizar o termo turismo de forma holística, uma vez que o termo pode englobar vários aspectos que tornam possível uma abordagem inter e multidisciplinar. O turismo, se analisado como um todo, é o equipamento receptivo de hotéis, agências de viagens, transportes, espetáculos, passeios, guias-interpretres que tem por objetivo atender o turista. Por sua amplitude e diversidade, é dividido em vários segmentos, entre eles, o ecoturismo, que no decorrer dos anos tem crescido em função da busca do “espaço verde” pelas pessoas que vivem ou moram nos espaços urbanos das grandes metrópoles ou mesmo em países estrangeiros. Esse público é um dos principais alvos do turismo regional na Amazônia, por sua curiosidade especial com a nossa fauna e flora únicas e ainda selvagens. O Parque Municipal do Mindu é uma unidade de conservação ambiental para a espécie Sauim-de-coleira, sob responsabilidade da Prefeitura Municipal de Manaus por meio da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMAS), localizado na Zona Centro-Sul da Cidade, no bairro Parque Dez de Novembro. O ecossistema do Parque Municipal do Mindu possui uma diversidade de espécies de fauna e flora com possível utilização no Ensino de Ciências, Educação Ambiental e ou mesmo pesquisa científica (CASCAIS; TERAN, 2011). O Parque possui estruturas naturais (trilhas) e ou construídas (pontes e estruturas) que possibilitam a realização de eventos culturais ou ambientais, a prática de atividades esportivas como corridas e caminhadas, e a nascente de um dos igarapés que corta a Cidade de Manaus – o igarapé do Mindu. Silva; Pietrochinski (2008) diz que a sinalização é um dos equipamentos turísticos de fundamental importância, uma vez que o turista quando chega a um determinado lugar, este ainda lhe é desconhecido. Nas Unidades de Conservação, embora ainda não exista um padrão para as placas de sinalização, as mesmas costumam se adequar ao meio ambiente para causar o menor impacto visual possível. Além disso, as placas devem conter informações relevantes para que o visitante saiba como se deslocar no local e conteúdo educativo diversificado que enriqueça o passeio. O objetivo deste estudo é determinar se a sinalização presente nas trilhas do Parque do Mindu atende às necessidades dos visitantes e, se é necessária a reformulação do sistema de sinalização existente.

2 | TURISMO, SINALIZAÇÃO E TRILHAS

Para Dray; Simonetti (2012) o turismo é uma atividade recente que busca sua compreensão em outras áreas do conhecimento. Entretanto, ainda existem imprecisões quanto a sua definição e conceitos. A atividade turística movimenta diversas áreas como a economia, o social, o cultural e o ecológico, gerando impactos.

Segundo Ruschmann (apud Simonetti; Dray 2012) não há turismo bom ou mal, ou um que respeita o meio ambiente e outro que destrói. Alerta Simonetti; Dray (2012) que as consequências desse pensamento podem ser erros ou decepções a médio e longo prazo, pois nenhum tipo de turismo, mesmo que bem conduzido e praticado, será capaz de evitar agressões à natureza. Um projeto de sinalização ambiental pode ajudar ao frequentador, turista ou mesmo estudantes a melhor compreender e contemplar o ambiente natural visitado, minimizando possíveis danos. Em outras palavras, uma caminhada por trilhas naturais, se bem planejada e orientada, pode facilitar a relação com meio ambiente, gerando aprendizado e sensibilidade no visitante quanto à consciência ecológica.

Para Silva; Junior (2010) as trilhas são caminhos “através de um espaço geográfico, histórico ou cultural”, traçados pelo homem para sua mobilidade física ou intelectual. As trilhas podem estar presentes geograficamente em meios naturais, urbanos ou artificiais. Possuem os mais diversos fins, tais como caça, comércio, guerras, transporte, e atualmente possuem um novo valor e significado que vem sendo atribuído a elas de forma consensual por muitos pesquisadores e especialistas, na figura das trilhas interpretativas. As trilhas interpretativas não são apenas espaços geográficos traçados para a mobilidade física e para a contemplação em espaços naturais, como muitos pensam ao confundirem com trilhas de aventura e trilhas ecológicas. Elas devem ser caminhos geográficos ricos em significados históricos, culturais e ecológicos.

Para a WWF/Brasil (2015), as placas devem ter informações sobre a atração a ser visitada, distância a ser percorrida, grau de dificuldade para chegar no local, animais que podem ser encontrados no caminho e informações sobre a fauna e flora presentes em uma trilha ou região. As placas de sinalização, portanto, ajudam no bom processo de educação ambiental, promovendo o melhor uso público dos locais e evitando que visitantes se percam ou coloquem suas vidas em risco por falta de informação.

Abordando o aspecto técnico, Corrêa (2015) afirma que o estudo preliminar de sinalização é a associação de dois elementos estruturais que se complementam. O primeiro, denominado suporte da informação, compreende o design das placas, totens, luminosos e demais elementos físicos, assim como o dimensionamento, especificação de materiais, processos de fabricação e acabamentos. O segundo elemento é a própria informação que a sinalização deve passar, compreendendo a comunicação visual e sua organização, composta por pictogramas, cores, alfabetos e diagramação (Tabela 1).

| Funções da sinalização | Características específicas | Itens de Sinalização |
|-----------------------------|--------------------------------|-----------------------|
| Localizar e Orientar | Funções (expectativas) sociais | Pictogramas |
| Alertar e Advertir | Estrutura arquitetônica | Tipografia |
| Reforçar identidade visual | Estilo ambiental | Código cromático |
| Prestar inf. complementares | | Diagramação |
| | | Suporte da informação |
| | | Fixações e conexões |
| | | Manual de normas |

Tabela 1 Escopo de um projeto de sinalização

Fonte: Corrêa, 2015

Menezes (2014) diz que, na linguagem técnica, a sinalização de uma trilha se divide basicamente em dois tipos: Direcional e Interpretativa.

1) Direcional: É o tipo de sinalização que usa SOBRETUDO setas. Mas também pode usar símbolos, tais como círculos ou retângulos coloridos, ou ainda logomarca oficial de alguma trilha.



Figura 1: exemplos de sinalização direcional para trilhas

Fonte: Menezes, 2014.

2) Interpretativa: Segundo Mafra (2010) é o tipo de sinalização que usa placas, painéis ou totens. Em geral, apresenta textos complementados por ilustrações, desenhos, mapas e fotografias que facilitam o entendimento e deixam a experiência mais agradável didática. A função dessa sinalização é atrair o visitante para detalhes, aprimorar seu olhar e instigá-lo a descobrir mais informações. Normalmente implantadas ao longo de um roteiro de visitação, as placas servem para reforçar o tema central do

percurso, além de auxiliarem o usuário a se localizar e orientar. Ainda Mafra (2010) afirma que esta placa é denominada “educativa” pois repassa informação e ajuda no processo da educação ambiental em espaços “não-formais” como parques e unidades de conservação ambiental.



Figura 2: exemplo de sinalização interpretativa para trilhas, indicada para apoio à atividades educacionais

Ainda Menezes (2014) diz que a sinalização de uma trilha tem os seguintes objetivos:

- a) Indicar a direção correta aos visitantes, evitando que se percam.
- b) Facilitar ações de manejo e interesse da respectiva unidade de conservação, evitando processos erosivos, impedindo a criação de atalhos e desestimulando o pisoteio de áreas sensíveis, entre outros benefícios ambientais.

Afirma Menezes (2014) que algumas pessoas no Brasil ainda defendem que as Unidades de Conservação não devem sinalizar suas trilhas. Trata-se de um mito. A prática já demonstrou que a falta de uma sinalização institucional, com regras internacionalmente aceitas e testadas, acaba por gerar uma sinalização feita de qualquer maneira pelos usuários. Essa sinalização feita por usuários normalmente é muito mais danosa ao meio ambiente do que uma sinalização técnica e, por não respeitar regras ou padronização entendidas por todos, acaba só servindo a quem a fez. Em suma, quando a Unidade de Conservação não faz o seu trabalho direito alguém o faz por ela. Muitas vezes essa sinalização não oficial é feita com sacos plásticos, a golpes de facão em árvores e pinturas completamente desproporcionais, causando grande impacto ao meio ambiente e à paisagem. A sinalização é necessária. Se a Unidade de Conservação não faz, alguém faz... e normalmente faz malfeita, sem considerar consequências ao meio ambiente. (Figura 3)



Figura 3: Efeitos da sinalização feita por terceiros

Fonte: Menezes, 2014.

3 | O PARQUE DO MINDU E SEUS ATRATIVOS NATURAIS

O Parque Municipal do Mindu (Figuras 4 e 5), situado na Cidade de Manaus/ Amazonas, na região norte, possui 40,8 hectares de biodiversidade, no coração de Manaus e a 15 minutos do centro da cidade. O Parque foi criado a partir de um movimento popular iniciado em 1989, pelos moradores do bairro Parque Dez de Novembro, como forma de proteger o habitat do primata **Sauim-de-coleira** (*Saguinus bicolor*). Em 1993 foi oficialmente instituído como espaço protegido, pela Lei 219 de 11 de novembro de 1993, e em área de 30,9 ha, e após o Decreto nº 9.043/2007, passa a ter uma área de 40,8 ha. Trata-se de uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, sendo admitido o uso indireto dos seus recursos. (SEMMAS, 2015).



Figura 4: Foto Aérea – Parque do Mindu e contexto urbano

Fonte: Facebook - Parque do Mindu, 2016.

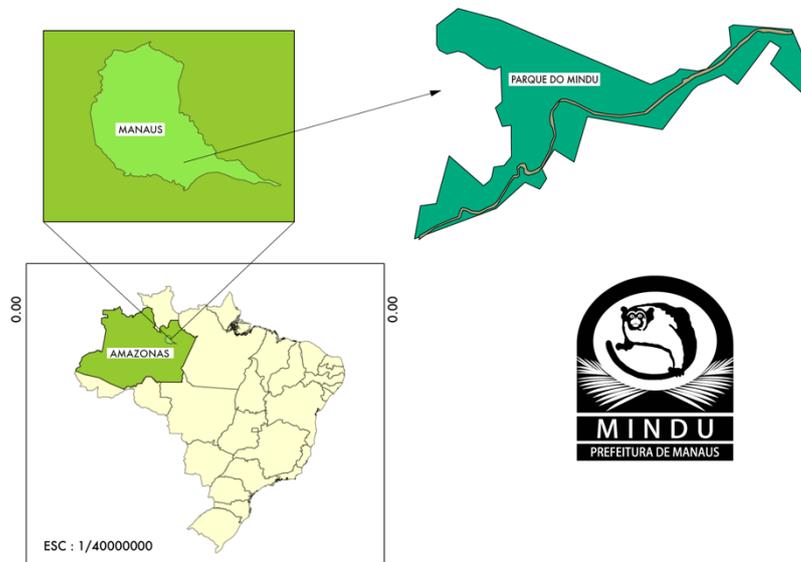


Figura 5: Local da pesquisa: Estado do Amazonas – Município de Manaus – Parque do Mindu
 Fonte: Google Earth. Elaborado por Douglas Melo, 2016

O Parque possui 40,8 hectares em área, com uma flora de 70% de espécies nativas e fauna composta por pequenos roedores e mamíferos, como sauíns-de-coleira, macacos-de-cheiro e também aves, como tucanos, saracuras, corujas, gaviões. O parque é utilizado em projetos de educação ambiental da SEMMAS – como por exemplo, no terceiro domingo de cada mês, alunos de escolas públicas são levados para conhecer o Parque (figura 6).

Silva (2014) diz que diversidade de vegetal da Amazônia é tão grande, que ainda não se tem noção de todas as espécies arbóreas ou arbustivas existentes no Parque do Mindu. A Prefeitura de Manaus, por meio da Secretaria do Meio ambiente e Sustentabilidade (SEMMAS), realizou um estudo de identificação das espécies, em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) que constatou a existência de mais de 300 espécies entre cipós, árvores frondosas e arbustos, entre elas Andiroba, ingazeiras, buritizeiros, açazeiros e escada de jabuti.



Figura 6: Área das nascentes e educação ambiental
 Fonte: SEMMAS, 2016

O Parque também é palco de diversos eventos de cunho socioambiental e culturais, tais como a Virada Sustentável/Manaus (promovido pela Fundação Amazonas Sustentável), e outros eventos socioambientais promovidos por ONGs, Escolas e entidades de Cultura e Desporto do Estado do Amazonas.

Analisando o cenário do Parque, a partir do estudo de Silva; (2008) nos permitiu analisar as seis modalidades de visitação existentes no Parque Municipal do Mindu, são elas:

1) Caminhadas em trilhas: onde a observação geral da fauna e flora permite a interação mais efetiva entre os elementos do ambiente e o visitante. É uma modalidade mais importante e essencial ao Parque.

2) Observação de aves (ou “birdwatching”) e primatas (Sauin-de-coleira): geralmente praticado por grupos de todas as idades que aperfeiçoam suas habilidades em localizar e identificar as diferentes espécies de animais nos respectivos habitats, observando seus comportamentos. Pode ser realizada ao longo das 11 trilhas existentes.

3) Fotografia da Natureza: que tem como objetivo, fotografar o ambiente natural, podendo ser feito em grupos de fotógrafos amadores ou profissionais. Apesar de ser pouco praticada pelos visitantes do Parque, a região tem um potencial imenso para atividades fotográficas. Esta modalidade poderia ser melhor divulgada.

4) Turismo de Bem-Estar: É também uma modalidade de recreação recente dentro de Unidades de Conservação. Utilizado por jovens e pessoas que gostam de praticar uma atividade física ao ar livre (corrida e yoga) em ambientes calmos com grande beleza cênica.

5) Café-da-manhã Regional (aos domingos): É uma das modalidades que costumam levar famílias ao parque nas manhãs de domingo, uma vez que existe uma estrutura “chapéu de palha” e um playground que possibilita esta modalidade, apesar de não existir, em essência, o apelo ambiental.

6) Eventos eco sustentáveis: Apesar de alguns eventos serem sazonais, também são momentos que geram visitação ao Parque.

Silva (2014) diz que o Parque do Mindu possui 11 trilhas catalogadas – algumas não estão totalmente mapeadas quanto aos atrativos naturais que possuem. São elas:

1) Trilha Margareth Mee: Tem uma extensão de 296m, observam-se em seu trajeto diversos aspectos de vegetação, principalmente a vegetação rasteira com predominância de pequenos arbustos;

2) Trilha do Baixo: Tem uma extensão de 80m, o seu trajeto é em declive;

3) Trilha Principal: Tem extensão de 280m, é a trilha que dá acesso ao Parque, em seu trajeto, observa-se o “Monumento da Fertilidade”;

- 4) Trilha das Palmeiras:** Tem uma extensão de 241m, com existência de vegetação de porte médio, com maior ocorrência de palmáceas;
- 5) Trilha das Bananeiras:** Tem uma extensão de 288m, nessa trilha de ondulação encontramos no declive a “Bananeira Brava (*Phenakospermum sp*)”
- 6) Trilha do Buritizal:** Tem uma extensão de 108m, vegetação encharcada, predomina a espécie Buriti (*Mauritia vinifera*);
- 7) Trilha Sauim-de-Coleira:** Tem uma extensão de 264m, ocorre à incidência maior do primata *Saguinus Bicolor*;
- 8) Trilha das Nascentes:** Tem uma extensão de 177m, possui o maior número de espécies, seco ou úmido, porém encharcado;
- 9) Trilha da Cachoeira:** Tem uma extensão de 366m, é a maior das trilhas interpretativas, observa-se em seu trajeto uma cachoeira degradada proveniente do Igarapé do Mindu;
- 10) Trilha da Selva:** Tem uma extensão de 1.000m. Esta é uma área de mata de baixio, mantida intacta, para se ter uma amostragem da Selva Amazônica;
- 11) Trilha Suspensa:** Tem uma extensão de 150m. A mata tropical vista de perto das copas das árvores.

4 | MATERIAIS E MÉTODOS

A abordagem inicial da pesquisa foi de natureza qualitativa destinada ao levantamento da sinalização das trilhas presentes no Parque Municipal do Mindu, por meio da observação in loco. A pesquisa teve um caráter exploratório-descritivo. O método, por ser exploratório, é uma estratégia que permite pesquisar melhor o objeto de estudo e por ser descritivo, além de ajudar na observação, registro, análise e interpretação de fatos coletados, busca identificar necessidades para este estudo e aprofundar o conhecimento acerca do tema, sem a interferência do pesquisador. Por ser essencialmente uma pesquisa de campo, foi realizada por meio de observações diretas no local visando documentar a utilização e conservação das placas de sinalização trilhas no Parque no mês de agosto de 2016. Na pesquisa de campo foram feitas observações diretas em quatro visitas ao Parque com anotações de como se dá a visitação nas trilhas e qual o estado de conservação das mesmas e, também foi feito o registro fotográfico e coletada uma cartilha do Parque onde constam informações oficiais para os visitantes. As visitas consistiam em fazer caminhadas ao longo das trilhas, acompanhar alguns grupos e observar os aspectos citados. E, ainda ao final do processo de pesquisa, levantamos dados qualitativos na base de dados das redes sociais **TripAdvisor** (https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303235-d554186-Reviews-Mindu_Park-Manaus_Amazon_River_State_of_

Amazonas.html#REVIEWS) e **Facebook** (<https://www.facebook.com/pages/Parque-Municipal-Do-Mindu/344885902251352>), onde foi possível observar diversas opiniões de visitantes sobre as trilhas e a sinalização existente no Parque.

5 | RESULTADOS

Como base para uma melhor compreensão sobre como os frequentadores viam o Parque, e buscando avaliar, neste contexto, como a sinalização era vista, foi realizado levantamento fotográfico, além de pesquisa on-line tendo como base de dados as redes sociais. Esses dados foram analisados como o objetivo de avaliar se a sinalização existente se encontrava em conformidade com o padrão recomendado por Mafra (2010) e Menezes (2014).

5.1 Trilhas e Suas Características

Descobrimos que nem todas as trilhas do Parque (figura 7), são interpretativas. Uma vez que não se percebeu a existência de uma sinalização interpretativa (painéis ou totens) que ofereça conhecimentos sobre os espécimes de fauna, atrativos e flora presentes nas trilhas do Parque.

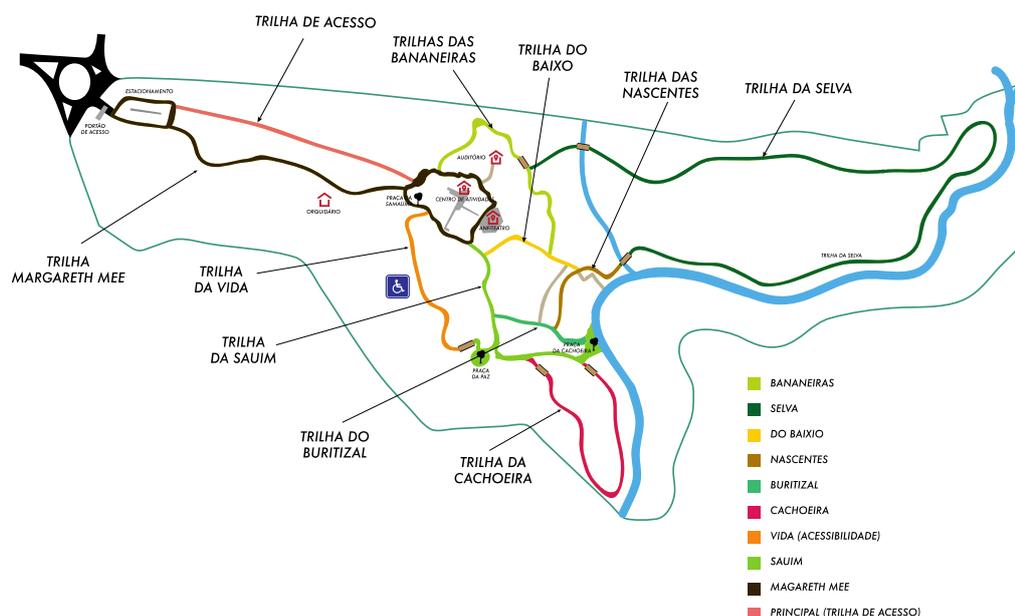


Figura 7: Mapa adaptado do mapa existente no local com as trilhas existentes

No parque, o sistema de sinalização em placas e totens se concentra na entrada do parque e em alguns acessos às trilhas. Algumas placas encontram-se em péssimo estado de conservação ou estão danificadas (Figura 8). Observou-se também que em algumas trilhas não há uma quantidade necessária de placas para guiar e reforçar o conhecimento ambiental durante a caminhada nessas trilhas (Figura 9 e 10). Um outro ponto percebido na análise in loco feita a partir do mapa existente (Figura 8) é que as trilhas não estão corretamente mapeadas (início e fim). E por fim, as atuais placas

de sinalização possuem um problema legal, pois usam a marca da gestão municipal, coberta grosseiramente, quando deveriam usar a marca da Unidade de Conservação (Figuras 9 e 10) e talvez necessitem ser refeitas.



Figura 8: Sistema de sinalização concentrado na entrada do Parque



Figura 9: Trilhas sem placas ou com placas danificadas e sub otimizadas



Figura 10: Trilhas sem placas ou com placas danificadas e sub otimizadas

Os dados presentes nas tabelas 2, 3 e 4 foram feitas a partir de análise de dados obtidos nas visitas às trilhas do Parque em 08/2016 e 02/2017. Essas análises visaram catalogar tanto os atrativos naturais, assim como as características do terreno de cada

trilha, e observar onde existiam placas de sinalização (Tabela 4)

| TRILHA | ATRATIVOS NATURAIS (*) | ATIVIDADE FÍSICA | | |
|------------------|------------------------|------------------|--------------------|---------|
| | | CAMINHADA | ACESSIBILIDADE(**) | CORRIDA |
| SELVA | X | X | | X |
| CACHOEIRA | X | X | | |
| MARGARETH MEEE | | X | | X |
| BANANEIRAS | X | X | | |
| PRINCIPAL | | X | | |
| SAIUM-DE-COLEIRA | X | X | | X |
| VIDA | X | X | X | |
| NASCENTES | X | X | | |
| SUSPENSA | X | X | | |
| BURITIZAL | X | X | | X |
| BAIXIO | X | X | | X |

(*) fauna, flora e recursos naturais

(**) Cadeirante

Tabela 2
Atrativos naturais e atividades físicas por trilha.

| TRILHA | EXTENSÃO EM METROS (Silva 2014) | TERRENO DA TRILHA | | |
|------------------|---------------------------------|-------------------|--------|-------|
| | | DECLIVE | ACLIVE | PLANO |
| SELVA | 1000 | X | X | X |
| CACHOEIRA | 366 | X | X | |
| MARGARETH MEEE | 296 | | | X |
| BANANEIRAS | 288 | X | X | |
| PRINCIPAL | 280 | | | X |
| SAIUM-DE-COLEIRA | 264 | X | X | X |
| VIDA | 241 | X | X | |
| NASCENTES | 177 | X | X | |
| SUSPENSA | 150 | | X | |
| BURITIZAL | 108 | X | X | |
| BAIXIO | 80 | X | X | |

Tabela 3
Extensão e tipo de terreno das trilhas

| TRILHA | EXTENSÃO EM METROS (Silva 2014) | TIPOS DE PLACAS | | | |
|--------|---------------------------------|-----------------|------------|-------------|----------|
| | | INTERPRETATIVA | DIRECIONAL | ADVERTÊNCIA | EXTENSÃO |

| | | | | | |
|------------------|------|---|---|---|---|
| SELVA | 1000 | | X | | |
| CACHOEIRA | 366 | | X | X | |
| MARGARETH MEEE | 296 | | X | | |
| BANANEIRAS | 288 | | X | | |
| PRINCIPAL | 280 | X | X | | |
| SAIUM-DE-COLEIRA | 264 | | X | | |
| VIDA | 241 | | X | X | X |
| NASCENTES | 177 | | X | | |
| SUSPensa | 150 | | X | X | |
| BURITIZAL | 108 | | X | | |
| BAIXIO | 80 | | X | | |

Tabela 4
Extensão e tipo de placas existentes nas trilhas

Observamos após análise, a existência de um conjunto de sinalização presente na entrada do Parque. Apenas 3 (três) delas possuem placas de advertência, uma possui placas de extensão (para entrada e saída da trilha), e apenas em uma delas (trilha principal) existe placas interpretativas que comunicam a quantidade reformas, história do parque, proteção ao sauium-de-coleiras e um conjunto de placas que indicam as estruturas artificiais do Parque (biblioteca, auditório, chapéu-de-palha, playground). Estas placas estão localizadas na entrada do Parque e na área do chapéu de palha. As demais trilhas contam apenas com placas direcionais (acesso), e em algumas, esse tipo de placa inexistente.

5.2 Evidências em Redes Sociais

Como um segundo momento da pesquisa, adotamos o mapeamento das redes sociais TripAdvisor e Facebook, na busca de informações qualitativas. Foi realizada busca nestas redes sociais a partir das palavras-chave “sinalização”, “ambiente”, “placas” e “trilhas”. Ao final encontramos diversas opiniões (Figuras 11 e 12). O tratamento dos dados coletados (reviews) no site TripAdvisor (reputação online) é apresentado neste documento por meio de dados qualitativos. Percebemos, ao compararmos os resultados desta modalidade de pesquisa experimental, que os dados obtidos na pesquisa de campo (*fotografia e pesquisa in loco*) são válidos e fortalecem a necessidade de sinalização nas trilhas do Parque do Mindu.

Abaixo algumas encontradas:



ThiagoTupinamba
Manaus, AM

Colaborador nível 6

342 avaliações

198 avaliações sobre atrações

177 votos úteis

“Bom Local para se conhecer”

5/5 Avaliou em 14 de Setembro de 2015

Estive no Parque do Mindú no domingo para tomar café da manhã com a Família. O parque está em boas condições, mas acredito que possa melhorar. Faltam mais placas indicativas nas trilhas. Infelizmente o igarapé que corta o parque está completamente poluído.

Visitou em setembro de 2015

Útil? Obrigado, ThiagoTupinamba

Denunciar

[Peça informações para ThiagoTupinamba sobre Parque do Mindú.](#)

Esta avaliação representa a opinião subjetiva de um membro do programa TripAdvisor e não da TripAdvisor LLC.



Barbara D

Colaborador nível 3

7 avaliações

7 avaliações sobre atrações

“Razoável”

3/5 Avaliou em 13 de Julho de 2016 via dispositivo móvel

Local bonito, bastante arborizado, mas apenas isso.

Não tem uma estrutura para passeios em família, principalmente com criança.

O rio que chega está poluído, cheira mal e absurdamente lotado de lixo que as pessoas jogam na cidade e tudo pára lá.

Não tem segurança, pois andando pode dar de cara com jacarés tingsas enormes.

Não há muitas placas, nem informações em um local com 40,8 hectares . fácil para se perder , principalmente crianças.

Existem animais soltos no local, mas nao vimos nenhum. Apenas jacarés .

Local para conhecimento de árvores , plantas medicinais, mas se estiver com um guia .



Visitou em julho de 2016

Útil? Obrigado, Barbara D

Denunciar

[Peça informações para Barbara D sobre Parque do Mindú.](#)

Esta avaliação representa a opinião subjetiva de um membro do programa TripAdvisor e não da TripAdvisor LLC.

Figura 11: Opiniões e avaliações

Fonte: TripAdvisor, 2016



Paulo G

Colaborador nível 3

12 avaliações

7 avaliações sobre atrações

2 votos úteis

“Tem potencial”

3/5 Avaliou em 7 de Janeiro de 2016

Fui com meu pai e minha irmã no parque e já na guarita o guarda nos avisou que os animais são soltos. Achamos bem exótica a ideia e é interessante que você tem que treinar bem seus olhares e ouvidos para achar os animais, pois eles de fato estão ali. O grande problema do parque é com relação ao habitat dos jacarés, eles são bastante poluídos. É de dar dó ver esses bichos nadando em rios tomados por lixo. Outro problema é que as trilhas poderiam ser mais informativas, nas que levam ao habitat do jacaré, havia uma placa de alerta de jacarés em uma, na outra Não! quando fui fazer a outra, eu iria dar de frente com os bichos, se não tivesse reconhecido o local deles que era visível pela que trazia o alerta. Mas o passeio é bastante válido, é só ter atenção.

Visitou em outubro de 2015

Útil? Obrigado, Paulo G

Denunciar

[Peça informações para Paulo G sobre Parque do Mindú.](#)

Esta avaliação representa a opinião subjetiva de um membro do programa TripAdvisor e não da TripAdvisor LLC.



Mariana B
Curitiba, PR
Colaborador nível 2
7 avaliações
3 avaliações sobre atrações
3 votos úteis

“Lugar com muito potencial”
 Avaliou em 14 de Julho de 2015

As trilhas estão mal sinalizadas (não informa a duração da caminhada, não ha sinal para saída). A agua estava com muito lixo, e não conseguimos ver nenhum animal por ali.

Vimos os macacos sauím-de-coleira, nas arvores da praça central,foi o que valeu mais no passeio.

Seria interessante ter mais informações sobre os animais e arvores do local (existem algumas placas identificando as espécies das arvores, porem estão apagadas e não da pra ler quase nenhuma)

Visitou em junho de 2015

Útil? Obrigado, Mariana B Denunciar

[Peça informações para Mariana B sobre Parque do Mindú.](#)

Esta avaliação representa a opinião subjetiva de um membro do programa TripAdvisor e não da TripAdvisor LLC.

Figura 12: Opinião e avaliação
Fonte: TripAdvisor, 2016

6 | CONCLUSÕES

O Parque Municipal do Mindu, nosso tema deste artigo, reúne um grande número de atrativos naturais e estruturais para Educação Ambiental e o Ecoturismo a partir de sua natureza exuberante presente em suas trilhas naturais. Durante o levantamento *in loco* e mapeamento nas redes sociais, foi-nos possível entender a importância e as deficiências do conjunto de placas e totens de sinalização existentes no Parque. Também foi possível observar no mapeamento das redes sociais *TripAdvisor* e *Facebook* que existe um certo grau de insatisfação com a sinalização presente no Parque, uma vez que a insuficiência da sinalização existente foi apontada como um dos elementos que o Parque poderia melhorar em sua estrutura. Uma solução, dentre os problemas apontados pelos visitantes, é o desenvolvimento de um novo projeto de sinalização visual, com placas interpretativas instaladas no percurso das trilhas, oferecendo informações atualizadas sobre espécies presentes, atrativos naturais ou geográficos, avisos, posição, distância, ou mesmo conteúdos interativos para estudantes, visitantes locais, nacionais e estrangeiros que vem à Manaus e conhecem o Parque do Mindu.

REFERÊNCIAS

AMBIENTEBRASIL. **Interpretação Ambiental**. Artigo, seção de Ecoturismo. Disponível em < http://ambientes.ambientebrasil.com.br/ecoturismo/artigos/interpretacao_ambiental.html> Acesso em em set 2016.

ANDRETTA, Vanessa; MACEDO, Renato Luiz G.; VITORINO, Maria Rachel; MARTINS, Gustavo Salgado. **Sinalização de trilhas: importância e eficiência**. Docslide.com.br. Disponível em: < <http://docslide.com.br/documents/sinalizacao-de-trilhas-importancia-e-eficiencia.html> > Acesso em fev 2017

CASCAIS, Maria das Graças Alves; TERAN, Augusto Fachin. **Parque do Mindu: espaço de lazer, cultura e educação ambiental**. UEA, Manaus - AM, 2011.

COIMBRA, Fredson Gonçalves. **A Educação Ambiental no Parque Municipal Victório Siquierolli: diagnóstico e perspectivas**. Dissertação de Mestrado, UFU, Urbelândia – MG, 2005

CORRÊA, Bruno de Souza. **A metodologia de design aplicada a sistema de sinalização: o briefing**. Cadernos UniFOA Especial Design, UniFOA, Volta Redonda – RJ, jan 2015. Disponível em: <web.unifoa.edu.br/cadernos/ojs/index.php/cadernos/article/view/310/241> acesso em set 2016.

DO NASCIMENTO, Francisco de Assis Lourenço; DE FRANÇA, Rosana Silva. **Sinalização de orientação turística: discussão, normas, proposições e avaliação de sua disposição: o caso de currais novos/rn**. Turismo-Visão e Ação, 2016, 19.1: 79-102.

DRAY, Wescley Tavares; SIMONETTI, Suzy Rodrigues. **As trilhas interpretativas do Parque do Mindu em Manaus – Am: utilização e preservação**. Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. 2012.

Facebook. **Base de Dados sobre o Parque do Mindu (Manaus-AM)**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Parque-Municipal-Do-Mindu/344885902251352>> Acesso em set 2016.

FERREIRA, Roberta Celestino; LOPES, Wilza Gomes. **A Importância do Parque Ambiental Paquetá para o incremento da Atividade Eco-turística no Município de Batalha-PI**. ELECS (V Encontro Nacional e III Encontro Latino-Americano sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis), UFPE, Recife - PE, 2009.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas para o Trabalho Científico: ABNT 2014**. 17a Edição, Porto Alegre – RS: Dáctilo Plus, 2014.

ICMBIO. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Manual de Sinalização: Unidades de Conservação Federais do Brasil**. 1a Edição. ICMBIO, 2014. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/licitacoes/UAAF/RJ/2015/manual_de_sinalizacao.pdf> Acesso em ago 2016.

LIMA, Maria do Socorro Bezerra; MOREIRA, Erika Vanessa. **A Pesquisa Qualitativa em Geografia**. *Caderno Prudentino de Geografia*, 2017, 2.37: 27-55. Disponível em <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/4708/3618>> acesso em mar 2017.

MAFRA, Gisele Assis. **Sinalização interpretativa como ferramenta de educação patrimonial em parques urbanos: o caso do Parque da Serra do Curral de Belo Horizonte**. Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v.3, n.2, 2010, pp.315-330.

MENEZES, Pedro da Cunha e. **Sinalização de Trilhas: Guia prático**. 1a Edição, wikiparques, 2014. Disponível em: <<http://sinalizetrilhas.wikiparques.org>. > Acesso em set 2016.

PIETROCHINSKI, Alan Henrique Rocha ; SILVA, Vívian Fortes da, **Proposta de Sinalização Turística das Trilhas do Parque Estadual do Guartelá / Alan Henrique Rocha Pietrochinski; Vívian Fortes da Silva**. – Telêmaco Borba, PR , 2008.

SEMMAS. Áreas Protegidas. Disponível em: <<http://semmas.manaus.am.gov.br/areas-protegidas/>> Acesso em ago 2015.

SILVA, Iria Maria Pádua da. **Desafios da Gestão do Parque Municipal do Mindu (Manaus-AM)**. Dissertação de Mestrado, UFPA, Belém – PA, 2014.

SILVA, Diego Marques da; JÚNIOR, Álvaro Lorencini, **A relação entre trilhas interpretativas, Interpretação Ambiental e Educação Ambiental, e a importância das espécies arbóreas para essas atividades**, III Simpósio Nacional de Ensino de Ciências e Tecnologia, 2010. Disponível em <http://www.sinect.com.br/anais2010/artigos/EC/160.pdf>> Acesso em dez 2016.

TripAdvisor. **Base de Dados sobre o Parque do Mindu (Manaus-AM)**. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303235-d554186-Reviews-Mindu_Park-Manaus_Amazon_River_State_of_Amazonas.html#REVIEWS> Acesso em set 2016.

WWF/BRASIL. **Unidades de conservação ganham manual de sinalização de trilhas**. Disponível em: <http://www.wwf.org.br/informacoes/sala_de_imprensa/?48023/Unidades-de-conservacao-ganham-manual-de-sinalizacao-de-trilhas> Acesso em set 2016.

SOBRE O ORGANIZADOR

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme: Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-376-7

